

# AVALIAÇÃO DA RECUPERAÇÃO DE ABRIGOS NA REGIÃO CENTRO DE MOÇAMBIQUE (MANICA, SOFALA, TETE E ZAMBÉZIA)

DTM  
MOÇAMBIQUE



Abril de 2021



## SOBRE ESTE RELATÓRIO

A Matriz de Monitoria de Deslocamentos (DTM) da OIM em colaboração com o Instituto Nacional de Gestão de Desastres e Redução de Riscos (INGD) do Governo de Moçambique e conforme o mandato do Cluster de Abrigo de Moçambique conduziu esta avaliação em áreas de deslocamento, locais de reassentamento e áreas afectadas pelo ciclone Idai, tempestade tropical Chalane, e ciclone Eloise na região centro de Moçambique. A recolha de dados foi conduzida através de entrevistas a famílias por uma amostragem aleatória de 4.539 famílias, 1.605 famílias em 75 locais de reassentamento e 2.934 famílias em comunidades afectadas (famílias deslocadas nas suas comunidades de acolhimento e famílias não deslocadas) em Sofala, Manica, Tete e Zambézia, durante um período de 16 dias. O resultado deste exercício visa informar o Governo de Moçambique e a comunidade humanitária e de desenvolvimento sobre as actuais condições de vida das famílias afectadas pelo ciclone Idai, tempestade tropical Chalane, e ciclone Eloise, para compreender os esforços de auto-recuperação das famílias afectadas até agora, identificar o tipo e utilização da assistência recebida pelas famílias em relação ao seu abrigo e habitação, a fim de identificar as lacunas e necessidades ainda presentes em termos de reconstrução e recuperação de habitações, e de informar o apoio mais eficaz para uma maior recuperação e para dar prioridade efectiva às áreas de intervenção com base na probabilidade e intenção de os agregados familiares permanecerem nos locais de reassentamento existentes ou nas comunidades afectadas.

## AGRADECIMENTOS

As actividades da DTM em Moçambique, incluindo a avaliação e o relatório da recuperação de abrigos, foram produzidas com a generosa contribuição dos seguintes parceiros de financiamento: o Apoio Europeu para Protecção Civil e Humanitária, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional e o Departamento do Governo do Reino Unido para o Desenvolvimento Internacional.



**USAID**  
FROM THE AMERICAN PEOPLE

## Índice

Introdução	4
Metodologia	5
Demografia	6
Principais Conclusões	6
Secção 1: Condições de abrigo nos locais de reassentamento	7
Secção 2: Condições de abrigo nas comunidades afectadas	17



## METODOLOGIA

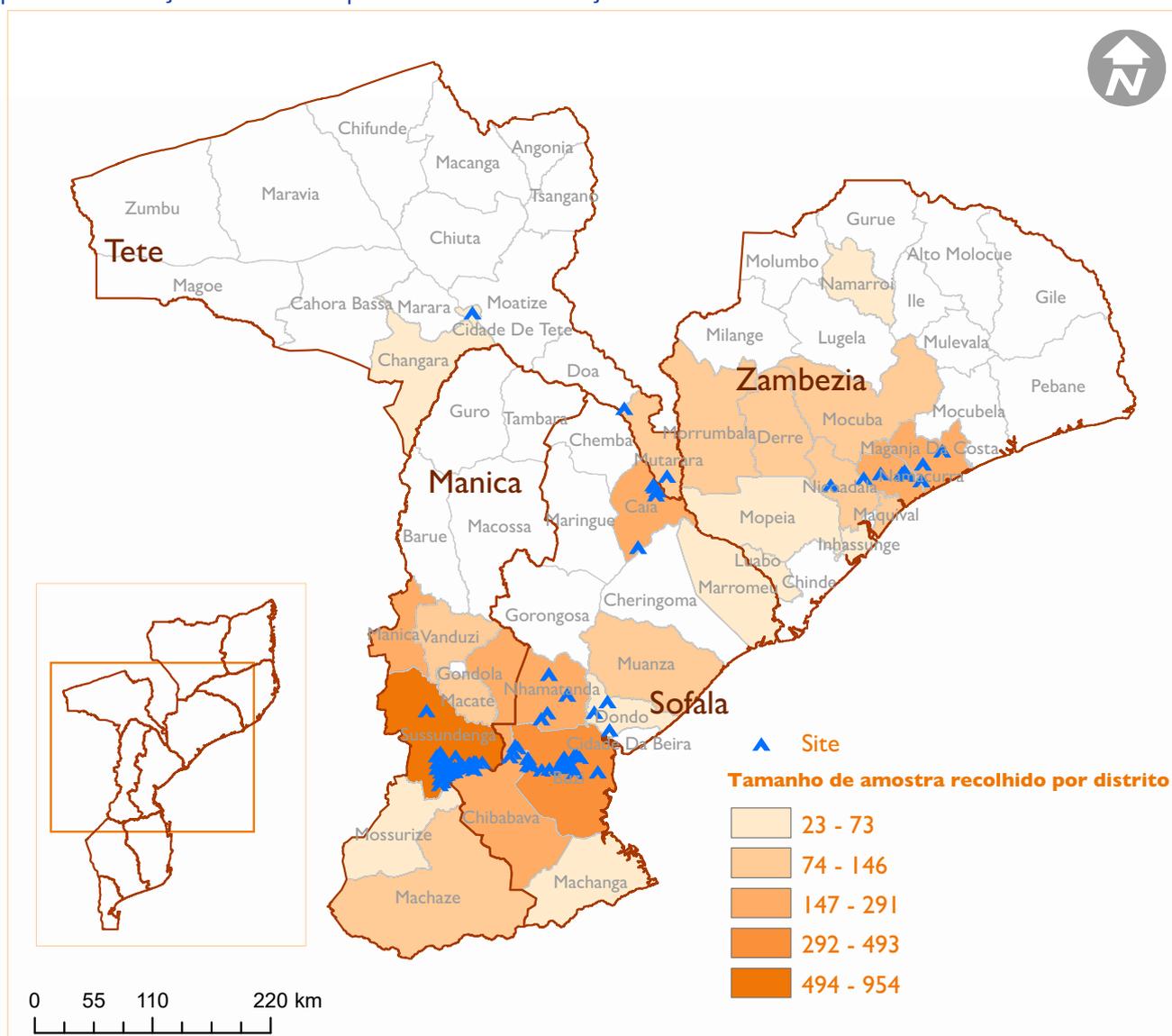
Os dados foram recolhidos através de entrevistas directas com uma amostragem aleatória de 4.539 famílias, incluindo 1.605 famílias em 75 locais de reassentamento e 2.934 famílias em comunidades afectadas (famílias deslocadas nas suas comunidades de acolhimento e famílias não deslocadas). O inquérito abrangeu 132 localidades (63 postos) em 29 distritos de Sofala, Manica, Tete, e Zambézia. Uma rede de 37 enumeradores conduziu as entrevistas.

Adimensão da amostra de 4.539 representa estatisticamente a população deslocada de aproximadamente 116.385 indivíduos que vivem em locais de reassentamento (do MSLA 20), bem como as comunidades afectadas (famílias deslocadas nas suas comunidades de acolhimento e famílias não deslocadas), com base nos dados das Avaliações de Base da DTM. A dimensão da amostra é baseada num nível de confiança de 85% com uma margem de erro de 15%.

Quadro 1: Distribuição da dimensão da amostra de agregados familiares por província

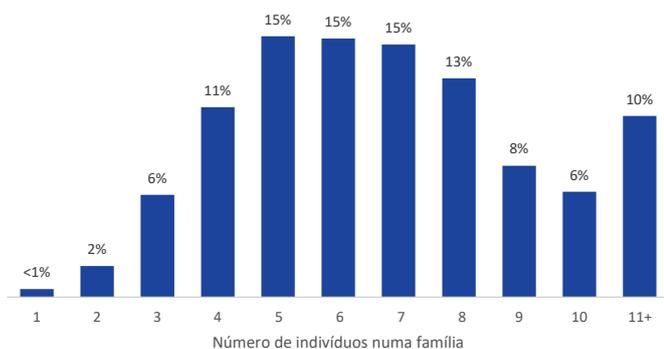
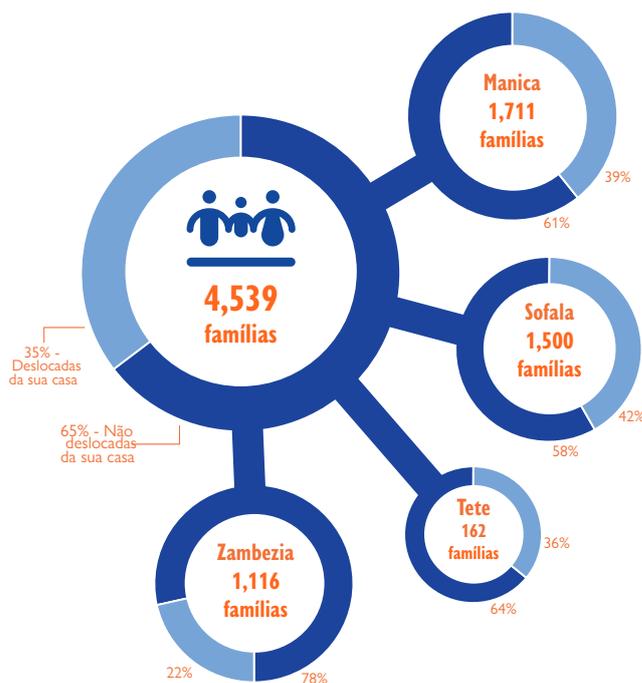
Província	Número de Locais Abrangidos	Total de Famílias Inquiridas nos Locais de Reassentamento	Número de Localidades Abrangidas	Total de Famílias Inquiridas nas Localidades
Manica	32	672	47	1,711
Sofala	28	624	44	1,500
Tete	4	58	4	162
Zambezia	11	251	37	1,166
<b>Total Geral</b>	<b>75</b>	<b>1,605</b>	<b>132</b>	<b>4,539</b>

Mapa 2: Distribuição da amostra por distrito e localização dos locais de reassentamento



## DEMOGRAFIA

Um total de 4.539 agregados familiares foi entrevistado como parte da 2ª Ronda de Avaliação da Recuperação de Abrigos. Destes, 65% foram afectados pelos ciclones e tempestades, mas não foram deslocados das suas casas (2.934 indivíduos), e 35% foram deslocados (1605 indivíduos). A figura à direita mostra quantos agregados familiares foram entrevistados em cada província, e proporcionalmente quantos agregados familiares foram e não foram deslocados. Manica, Sofala, e Tete têm todas uma proporção semelhante de famílias que foram deslocadas para locais de realojamento e aquelas que permaneceram em casa. No entanto, na Zambézia, as proporções de agregados familiares que foram e não foram deslocados mostra o inverso relativamente às outras três províncias.



O gráfico à esquerda apresenta uma repartição rápida do número de indivíduos nas famílias entrevistadas. O agregado familiar médio tem 5,74 indivíduos (4.539 agregados avaliados com um total de 26.087 membros individuais). No total, 45% dos agregados familiares têm entre cinco e sete membros individuais, e 69% entre quatro e oito membros. Há também um número significativo de inquiridos que vivem em abrigos com mais de 11 indivíduos.

## PRINCIPAIS CONCLUSÕES

### SECÇÃO 1: CONDIÇÕES DE ABRIGO NOS LOCAIS DE REASSENTAMENTO

Cerca de metade dos inquiridos (50%) ainda vivem em abrigos temporários, enquanto 30% estão em abrigos permanentes. Proporcionalmente, mais pessoas vivem em abrigos permanentes em Tete e Zambézia em comparação com Manica e Sofala.

Geralmente, embora proporcionalmente mais abrigos sofram de fugas de água quando chove em Tete e na Zambézia, há maiores incidências de degradação material e de colapso de estruturas em Manica e Sofala. As barreiras económicas tendem a ser as mais frequentemente citadas, impedindo reparações ou melhoria das condições dos abrigos. No entanto, a maioria (97%) ainda tem acesso a materiais naturais das áreas vizinhas.

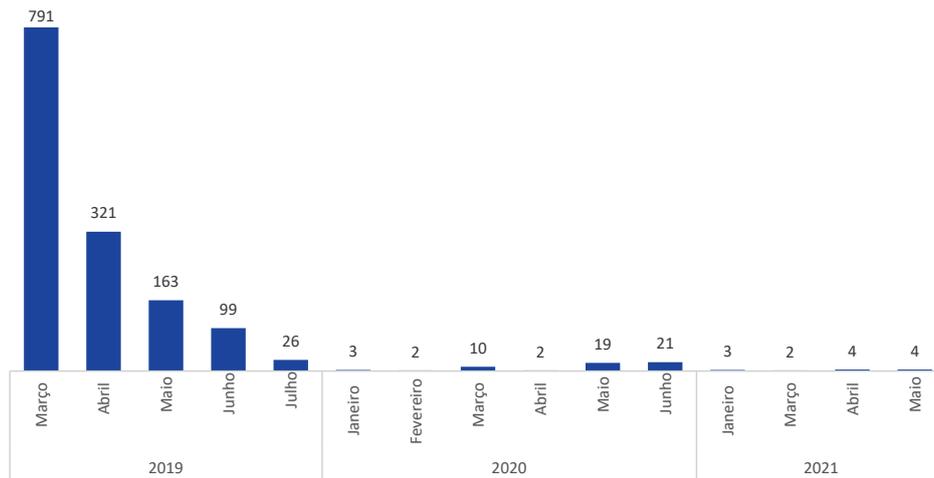
Noventa e cinco por cento das famílias inquiridas indicaram que acreditam que os métodos de construção precisam de mudar para se prepararem melhor para o próximo ciclone e para continuarem a melhorar as condições de abrigo.

### SECÇÃO 2: CONDIÇÕES DE ABRIGO DAS FAMÍLIAS NÃO DESLOCADAS NAS COMUNIDADES AFECTADAS

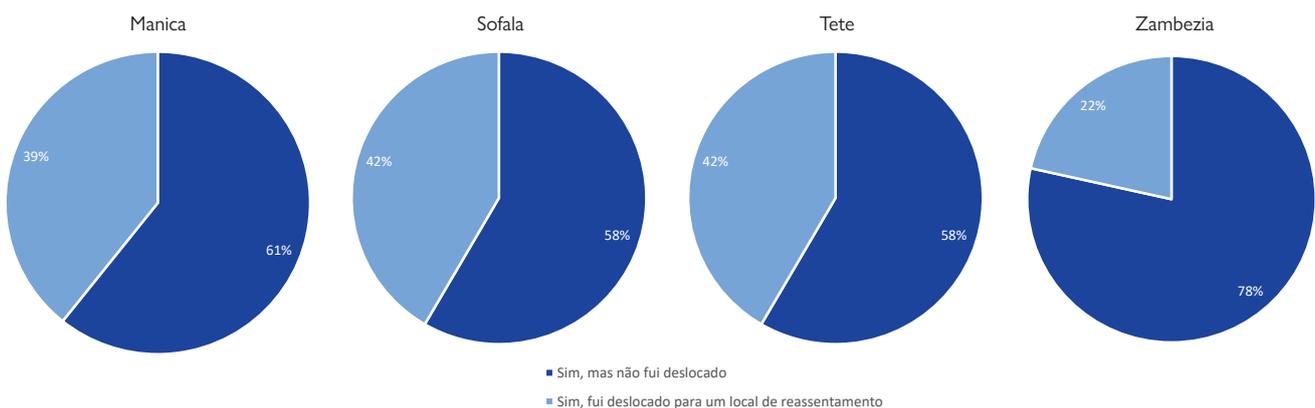
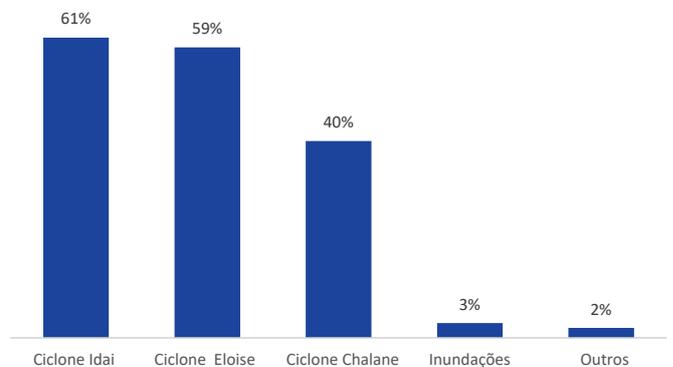
Enquanto muitos agregados familiares relataram que as suas casas tinham sido completamente destruídas pelos ciclones e pela tempestade tropical, proporcionalmente mais indivíduos nas comunidades afectadas vivem agora em abrigos permanentes em comparação com os deslocados nos locais de reassentamento. No entanto, 91 por cento neste grupo também indicou que acredita que os métodos de construção precisam de ser alterados e ajustados como preparação para o futuro.

## SECÇÃO 1: CONDIÇÕES DE ABRIGO NOS LOCAIS DE REASSENTAMENTO

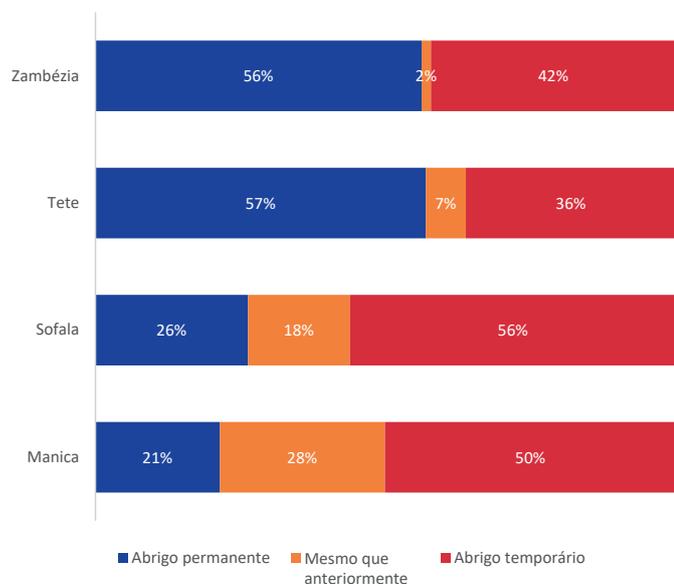
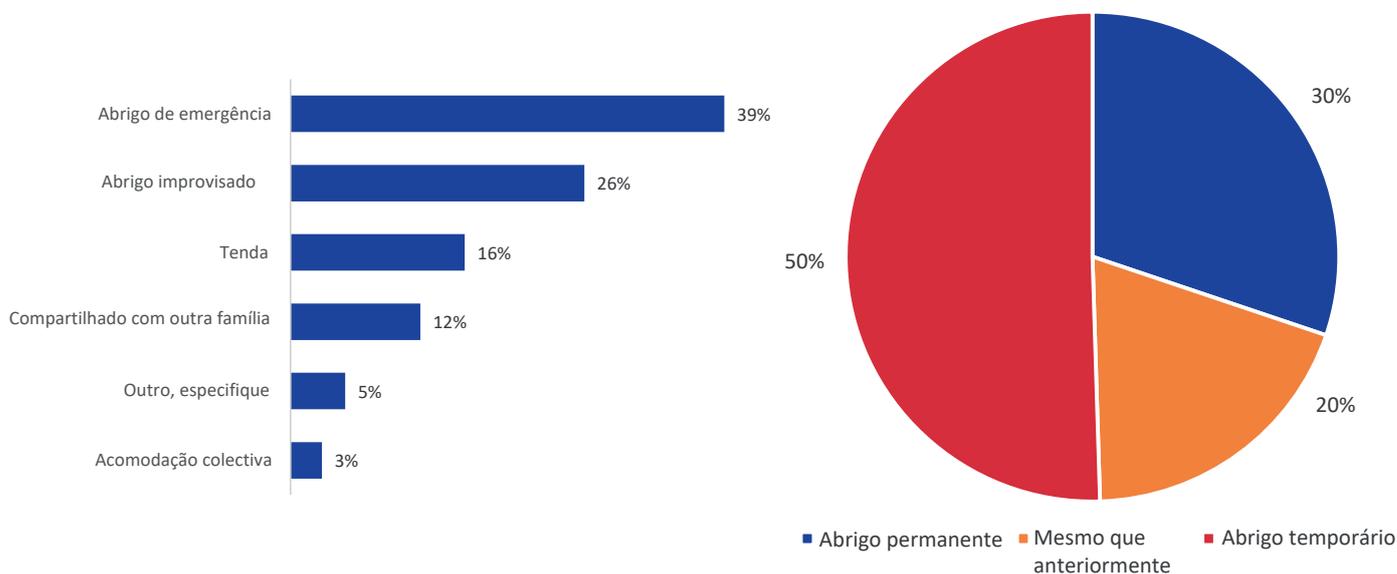
Das 4.539 famílias avaliadas, 1.533 ou 35% tinham sido deslocadas das suas casas e viviam em locais de reassentamento. Como se pode ver abaixo, a grande maioria dos agregados familiares foi deslocada após o ciclone tropical Idai em 2019, mas desde então tem havido um fluxo lento e consistente de chegadas aos locais de reassentamento. Destas famílias, 74% relatam que também foram afectadas pela tempestade tropical Chalane e pelo ciclone Eloise. É de notar que, ao analisar a data de chegada aos locais de reassentamento para as províncias individuais, não relatou-se novas chegadas entre as famílias entrevistadas em Manica desde Julho de 2019, e apenas cinco por cento das chegadas em Tete ocorreram depois de Março de 2019. Da mesma forma, apenas sete por cento das chegadas à Zambézia são registadas depois de Abril de 2019. De todas as chegadas em 2020 e 2021, 76 por cento chegaram ao local na província de Sofala.



Em toda a Região Centro, existem pequenas variações nas proporções de inquiridos que ou foram deslocados das suas casas, ou não foram deslocados enquanto ainda estavam a ser afectados pelos ciclones. Enquanto em média 35% dos agregados familiares foram deslocados das suas casas, esta proporção é muito mais baixa na Zambézia, onde apenas 22% foram deslocados. A Zambézia teve o segundo maior número de entrevistados no inquérito (915 no total), tendo sido superada apenas por Manica (1.039). Nas outras três províncias, a percentagem de agregados familiares deslocados é ligeiramente superior à média regional, 39 por cento em Manica, 42 por cento em Sofala, e 36 por cento em Tete.

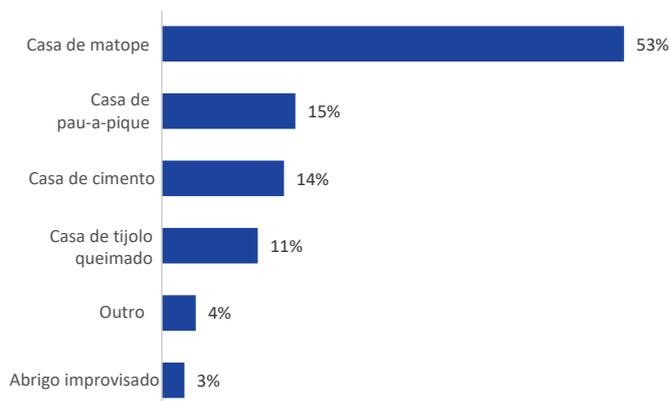


Dos agregados familiares entrevistados e que viviam nos locais de reassentamento (1.533), quando chegaram inicialmente, 39 por cento viviam em abrigos de emergência, e 26 por cento em abrigos improvisados. Adicionalmente, 16 por cento viviam em tendas, enquanto 12 por cento partilhavam uma estrutura pertencente a outra família. Na categoria "outros", os inquiridos viviam em salas de aula, armazéns, e edifícios privados. Actualmente, como se pode ver abaixo à direita, 50% das famílias vivem em abrigos temporários, e 30% em abrigos permanentes. Isto marca uma grande e substancial mudança nas condições de abrigo, embora 20% dos agregados familiares permaneçam nos mesmos abrigos em que se encontravam anteriormente.

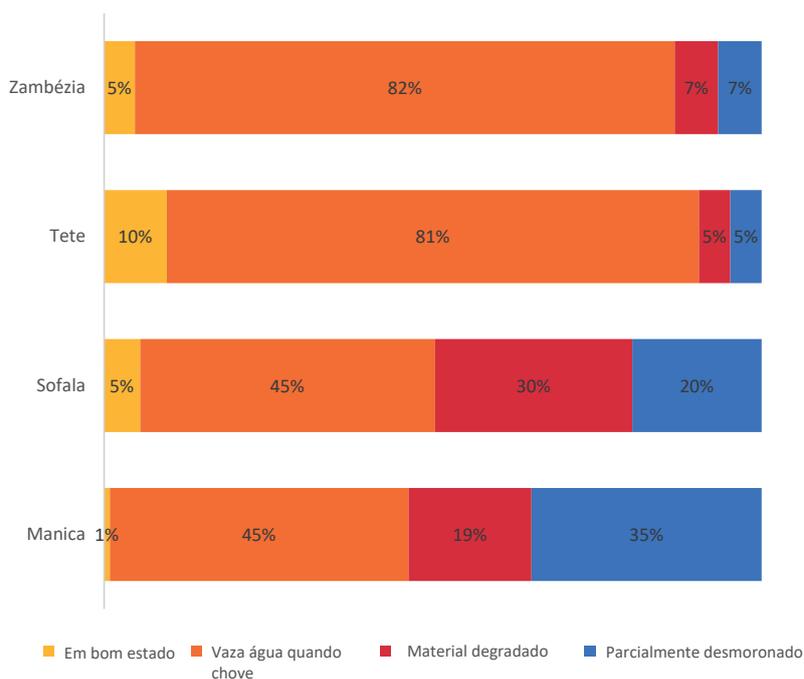
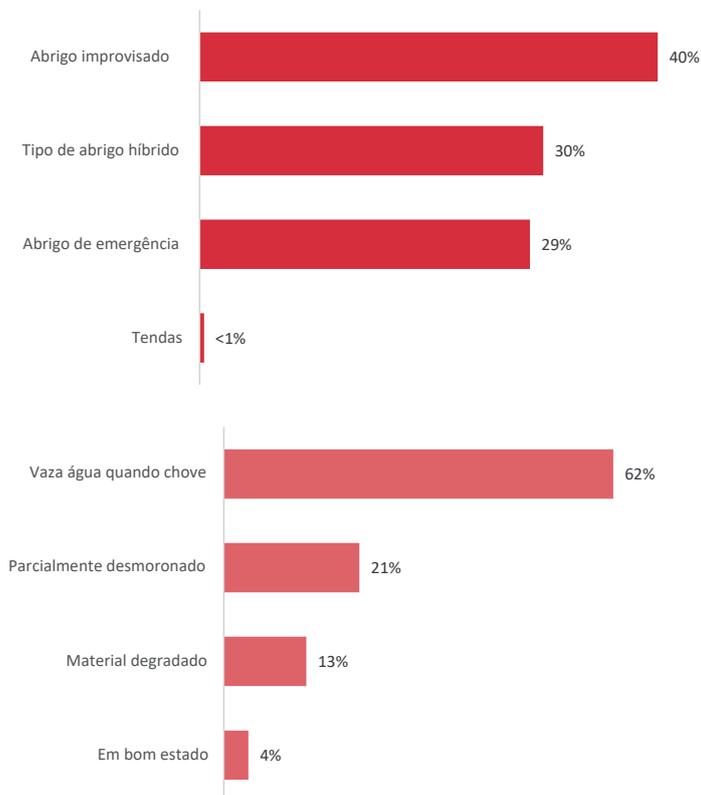


Considerando as actuais condições de abrigo, existem grandes disparidades entre as províncias. Enquanto na Zambézia e Tete, quase nenhum agregado familiar (2% e 7 % respectivamente) continua nos mesmos abrigos que no início do seu deslocamento, em Sofala temos 18% e em Manica temos 28%. Além disso, há muito mais agregados familiares em média a viver em abrigos permanentes na Zambézia e Tete (56% e 57%) em comparação com Sofala e Manica (26% e 21%). Metade dos agregados familiares em Manica, e 56% em Sofala vivem em abrigos temporários, uma proporção visivelmente maior do que a das outras duas províncias.

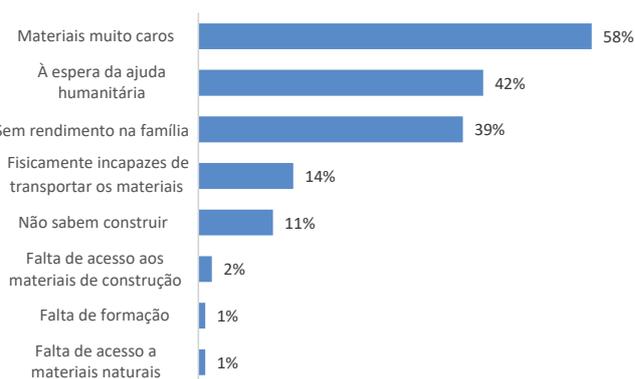
Dos 463 agregados familiares que vivem em abrigos permanentes nas quatro províncias, mais de metade (53%) vivem em casas de matope, seguidas de casas feitas de pau-a-pique (15%), casas de cimento (14%), e casas de tijolo queimado (11%). Ao distribuir os resultados por província, 74% dos abrigos são casas de matope em Sofala, 62% na Zambézia, 48% em Tete, e 25% em Manica. O tipo de abrigo permanente mais comum em Manica é a casa de blocos de cimento, com 45% dos agregados familiares a viverem em tais abrigos. Além disso, em Sofala, 26 por cento das famílias vivem em casas de tijolo queimado, mas apenas 12 por cento em Tete. Aproximadamente 20% dos agregados familiares em cada, Zambézia, Tete, e Sofala vivem em casas de pau-a-pique, mas nenhum inquirido em Manica.

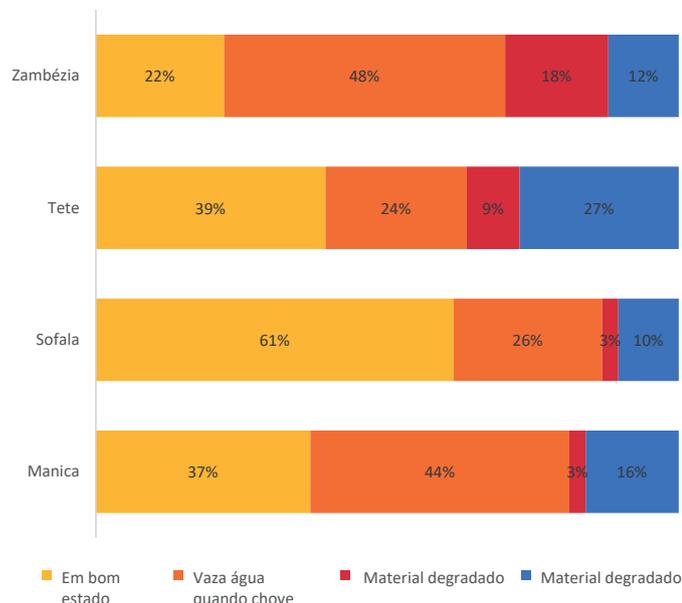


Dos 774 agregados familiares que vivem em abrigos temporários, 40% vivem em abrigos improvisados, 30% em tipos de abrigos híbridos, e 29% em abrigos de emergência; menos de um por cento vivem em tendas (os únicos agregados familiares que vivem em tendas estavam na Zambézia). Na Zambézia, 91% dos agregados familiares vivem em abrigos improvisados, em comparação com 52% em Tete, 46% em Sofala, e 18% em Manica. Em Tete, 43% dos agregados familiares vivem em tipos de abrigos híbridos, em comparação com 39% em Manica, e 30% em Sofala. Em Manica, 43% dos agregados familiares ainda residem em abrigos de emergência, enquanto que em Sofala residem 24%. Apenas 5 por cento vivem em abrigos de emergência tanto em Tete como na Zambézia. A queixa ou problema mais comum com os abrigos temporários é que estes vazam quando chove, sendo que 62% dos agregados familiares relatam este problema. Segue-se o colapso parcial dos abrigos (21% dos agregados familiares), e que os materiais de construção se degradaram (13%). Apenas 4% dos agregados familiares relataram que os seus abrigos temporários estão em boas condições. É de notar que a maioria dos agregados familiares que relataram o colapso dos abrigos reside em Mania e Sofala, com 35% e 20% dos agregados familiares em cada província, a relatarem o colapso respectivamente.



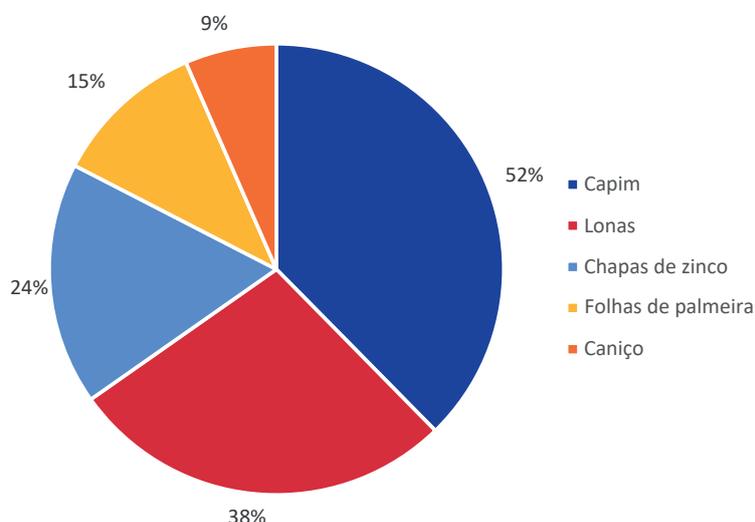
Perguntou-se aos agregados familiares porque não conseguiram construir um abrigo mais permanente. Dadas as múltiplas opções, 58% responderam que os materiais de construção são demasiado caros, 42% disseram que estão à espera de ajuda humanitária, e 39% disseram que não podem melhorar os seus abrigos uma vez que ninguém no agregado familiar tem qualquer rendimento. Catorze por cento dos agregados familiares declararam ser fisicamente incapazes de transportar estes materiais, enquanto 11 por cento declararam que sabem que têm os conhecimentos necessários para construir um abrigo mais permanente.



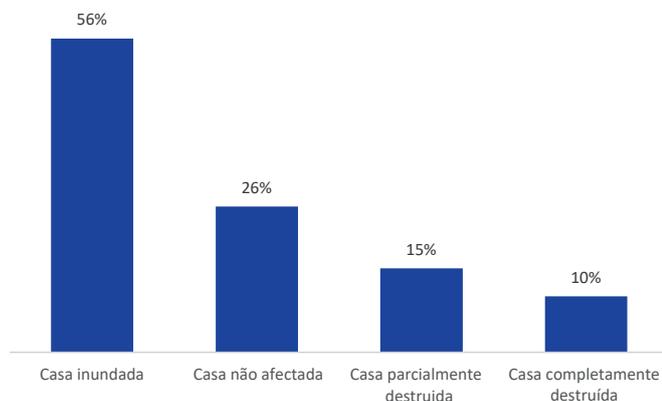


Conforme se pode ver na tabela à esquerda, os problemas associados aos abrigos permanentes são muito diferentes. Em toda a Região Centro, 40% dos agregados familiares relataram que os seus abrigos estão em boas condições. Em Sofala, esta percentagem atinge 61%, 39% em Tete, 37% em Manica, e é mais baixa na Zambézia, com apenas 22% dos agregados familiares a relatarem um bom estado de abrigo. Uma percentagem significativa dos agregados familiares relatou que os seus abrigos permanentes têm vazamentos quando chove. Nas quatro províncias, esta média é de 38%, mas é muito mais elevada na Zambézia (48%) e em Manica (44%). Um número significativo de agregados familiares em Tete (27% dos entrevistados) referiu viver em estruturas parcialmente destruídas, enquanto 16% dos agregados familiares em Manica, 12% na Zambézia, e 10% em Sofala se encontram na mesma situação.

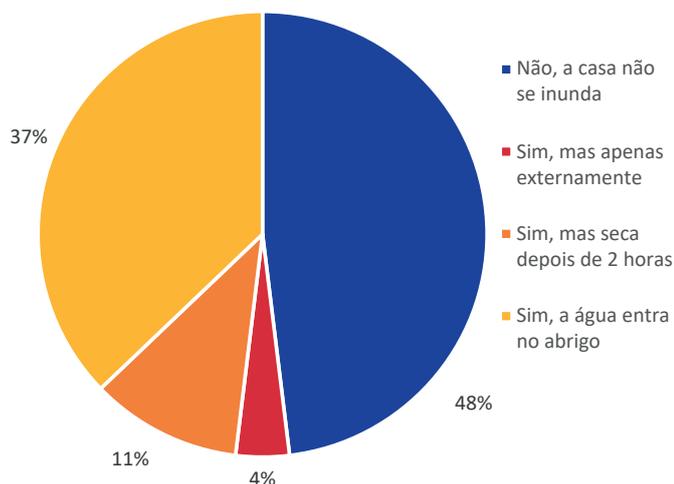
Olhando para todos os tipos de abrigo em conjunto, o quadro à direita mostra as diferentes soluções de coberturas utilizadas nas quatro províncias. Mais de metade (52%) dos inquiridos usam capim como solução de cobertura, seguindo-se as lonas por 38% dos agregados familiares, chapas de zinco por 24%, folhas de palmeira por 15%, e caniço nove por cento. Nenhum agregado familiar referiu utilizar betão para a cobertura.



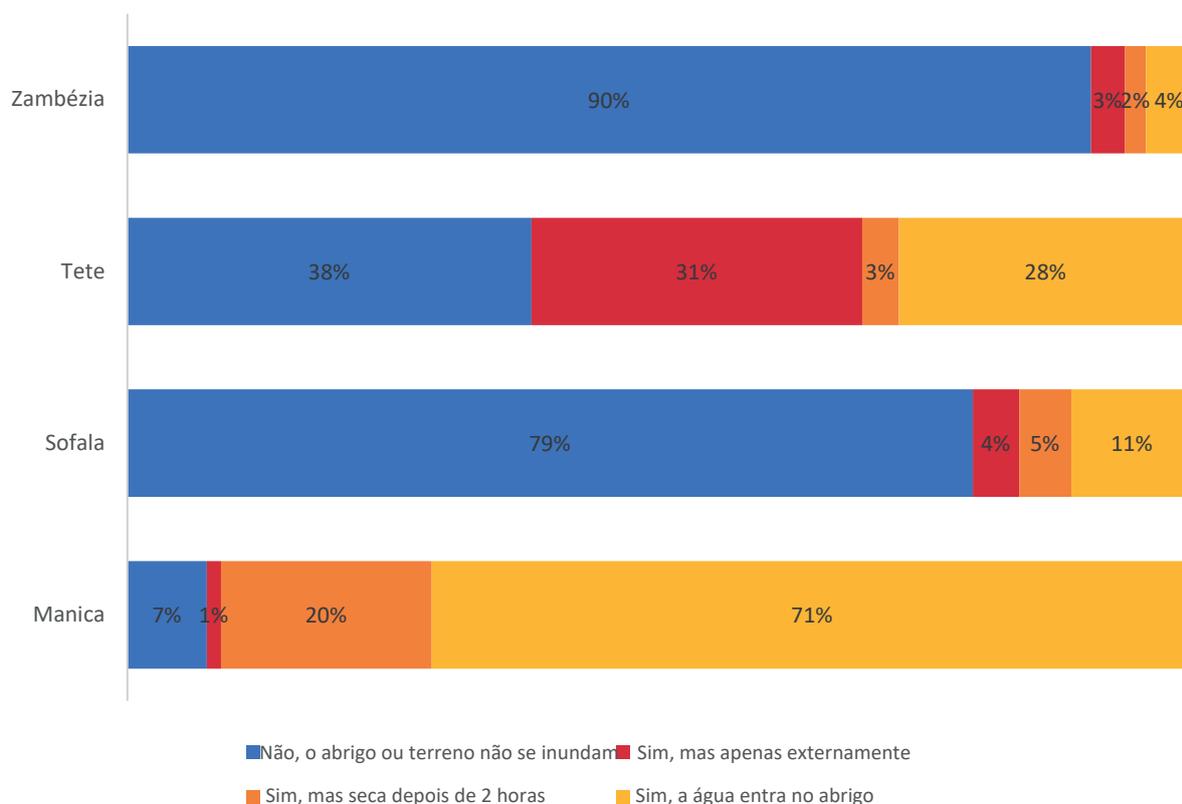
Note-se também, que dos agregados familiares entrevistados, 69 por cento relataram ter recebido materiais ou assistência técnica dada por organizações de ajuda para construir os seus abrigos actuais. No entanto, existem disparidades bastante grandes quando se olha para as províncias individualmente. Enquanto 84% dos agregados familiares em Manica receberam a assistência, e 70% em Sofala, apenas 41% em Tete e 36% na Zambézia receberam essa ajuda. Isto reflectiu-se em análises anteriores, com condições consistentemente mais baixas em Tete e na Zambézia em comparação com Sofala e Manica.



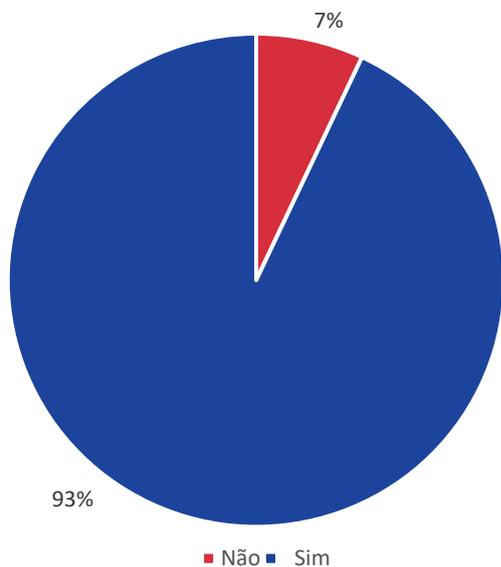
Perguntou-se a todas as famílias em locais de reassentamento como é que as suas casas foram afectadas pela tempestade tropical Chalane e pelo ciclone Eloise. Mais de metade (56%) dos agregados familiares relataram que as suas casas foram inundadas, enquanto 15% disseram que as suas casas foram parcialmente destruídas, e 10% que as suas casas foram totalmente destruídas. No total, 26% relataram que as suas casas não foram afectadas pela tempestade tropical e pelo ciclone.



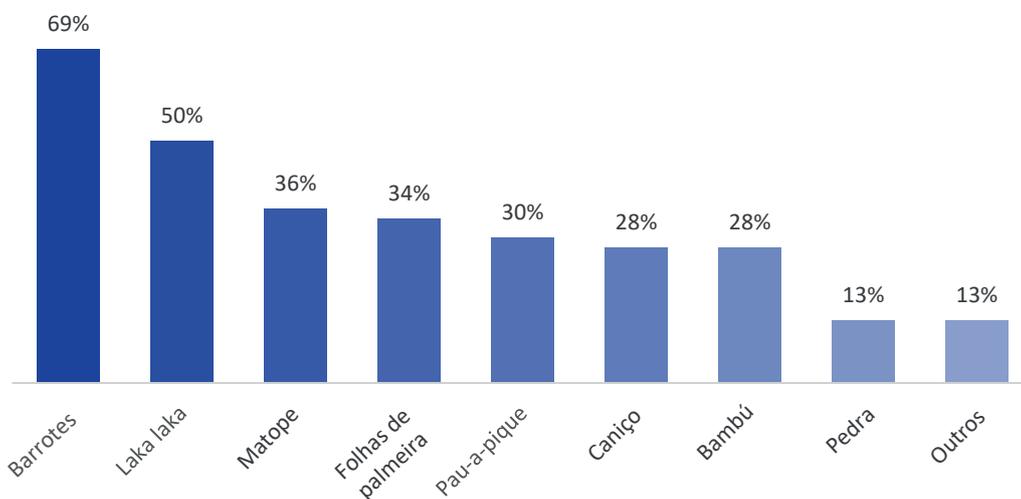
Quando questionados sobre o que acontece aos abrigos durante chuvas fortes, 48% relataram que os seus abrigos ou terrenos não ficam inundados. Quatro por cento dos agregados familiares relataram que os seus abrigos não se inundam, mas os terrenos fora dos abrigos inundam-se. Além disso, 11% dos agregados familiares relataram que os seus abrigos inundam-se, mas que a água seca no espaço de duas horas. 37% dos inquiridos afirmaram que os seus abrigos ou terrenos inundam-se, e que a água entra facilmente nos abrigos durante as chuvas fortes. Segue-se abaixo uma repartição da situação de inundações dos abrigos em cada província separadamente.



A Zambézia tem o maior número de inquiridos que indicaram que os seus abrigos e terrenos não inundam-se em chuvas fortes, com 90 por cento a seleccionar esta opção. Seguindo Sofala, onde 79 por cento dos agregados familiares relataram que os seus abrigos e terrenos não inundam-se. No entanto, a situação é muito mais grave em Tete, onde apenas 38% dos agregados familiares declararam não ter inundações, e em Manica apenas 7% declararam que os seus terrenos ou abrigos não se inundam. Enquanto apenas quatro por cento dos agregados familiares na Zambézia e 11 por cento em Sofala reportaram que os seus abrigos ou terrenos inundam-se completamente em chuvas fortes, em Tete isso foi reportado por 28 por cento. No entanto, em Manica, 71% dos agregados familiares relataram que os seus abrigos ou terrenos inundam-se e que a água entra facilmente nas suas casas durante as chuvas fortes. Não é claro até que ponto estas questões de inundações são um reflexo das condições dos abrigos, e quantos casos dependem da geografia dos locais.

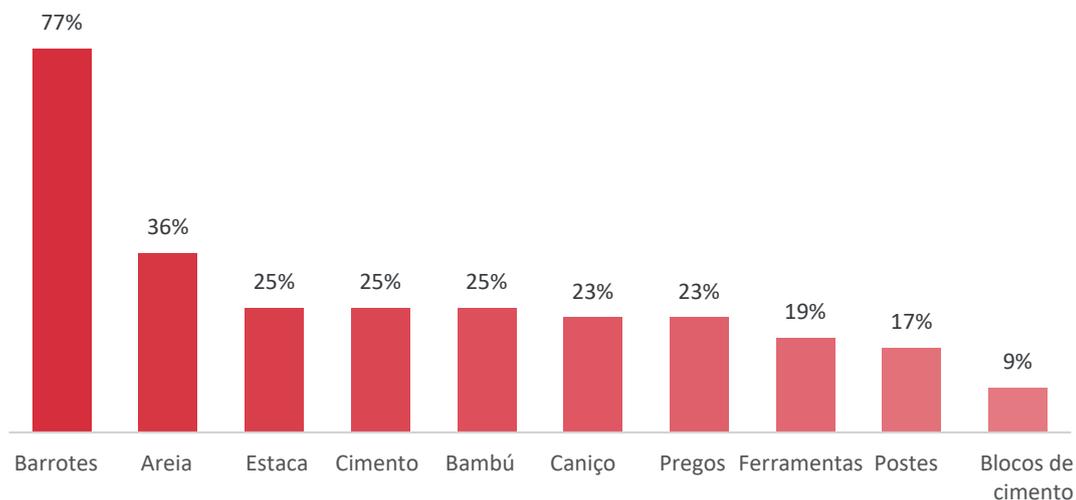


Quando perguntados se têm acesso a materiais de construção naturais que poderiam ser utilizados para construir um abrigo, 93 % das famílias nos locais de reassentamento responderam que sim. Enquanto 7 por cento dos inquiridos responderam que não têm acesso, a maioria vive na Zambézia e Sofala (em cada província 13% dos agregados familiares relataram não ter acesso a materiais naturais de construção, assim como 2% em Tete). Para aqueles que tiveram acesso, foi-lhes perguntado quais materiais estavam disponíveis. Os resultados da questão de escolha múltipla podem ser vistos abaixo. Mais de metade (69%) dos agregados familiares tem acesso a barrotes, e metade tem acesso a laka laka. Trinta e seis por cento têm acesso a matope, 34 por cento têm acesso a folhas de palmeira, 30 por cento a pau-a-pique, 28 por cento a caniço, 28 por cento a bambu, e 13 por cento a pedra.



Quando perguntados quanto tempo levam para recolher materiais, 14% dos agregados familiares relataram que poderiam localizar os materiais a menos de uma hora a pé dos seus abrigos, 50% disseram que os materiais estão a 1-2 horas de distância, 24% que os materiais estão a 2-3 horas, e 11% que os materiais estão a menos de 3 horas de distância. Ao olhar para as províncias individualmente, em Manica 73 por cento dos agregados familiares relataram que precisariam de caminhar 1-2 horas para recolher materiais de construção, enquanto na Zambézia 42 por cento relataram o mesmo, tal como o fizeram 27 por cento em Sofala e 23 por cento em Tete. Note -se também que nenhum dos inquiridos em Manica ou Tete relatou ter necessidade de andar mais de três horas, enquanto 27% o fizeram em Sofala e 15% na Zambézia. Em Tete, 37% dos agregados familiares relataram que podiam andar menos de uma hora para encontrar materiais, a proporção mais elevada de qualquer província, em comparação com 29% na Zambézia, e apenas 13% em Manica, e 7% em Sofala.

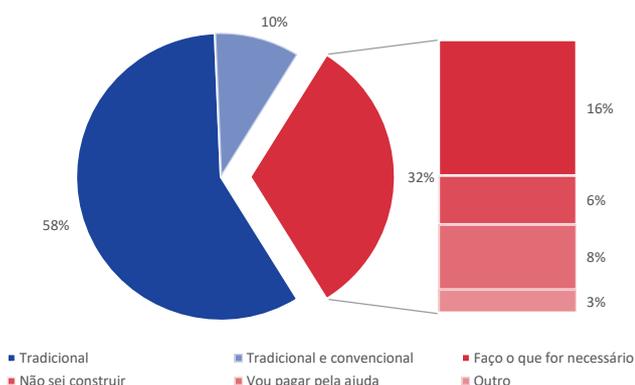




Aos agregados familiares nos locais de reassentamento pediu-se que fornecessem informações sobre a disponibilidade de materiais de construção nos mercados locais, ou que possam ser adquiridos nas proximidades dos locais. A maioria (77%) dos agregados familiares informou que os barrotes estão disponíveis para compra - o único material disponível para mais de metade dos agregados familiares inquiridos. Trinta e seis por cento relataram que a areia está disponível para compra, 25% varas de madeira, 25% cimento, 25% bambu, 23% caniço, 23% pregos, 23% ferramentas de construção, e 17% postes, e 9% relataram blocos de cimento.

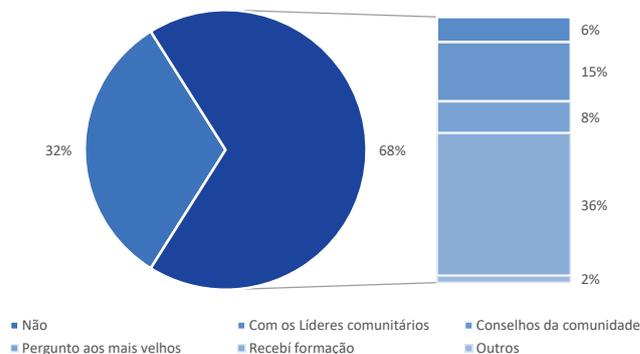


O gráfico acima apresenta dados respondendo se as famílias em locais de deslocamento acreditam que precisam de mudar ou ajustar os seus métodos de construção para tornar as casas mais resistentes aos ciclones no futuro. Noventa e cinco por cento concordam que os métodos de construção precisam de ser alterados, enquanto cinco por cento dizem que não sabem, e menos de um por cento dizem que não precisam de ser alterados. É de notar que 12% dos inquiridos em Manica disseram que não sabem se os métodos devem ser alterados, enquanto que menos de 1% na Zambézia o fez, e ninguém em Sofala ou Tete.

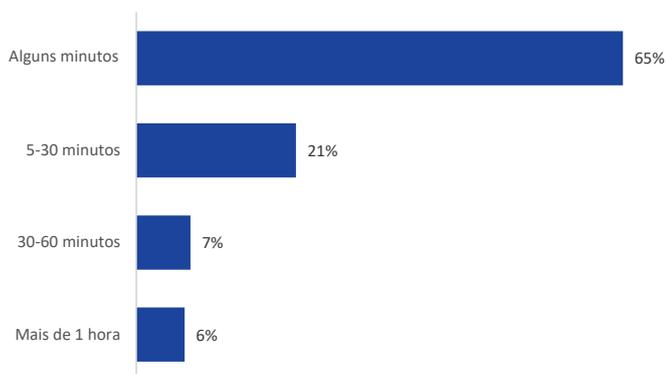


Foi perguntado aos inquiridos se os membros do agregado familiar sabiam como construir. Cinquenta e oito por cento relataram que há um membro que sabe como construir abrigos utilizando métodos tradicionais, e 10 por cento relataram que sabem como utilizar métodos tradicionais e convencionais/modernos. No entanto, 32% dos agregados familiares não têm nenhum conhecimento sobre onstrução. Quando questionados sobre como se adaptariam sem este conhecimento, 16% disseram que fariam tudo o que pudessem, 6% disseram que não podiam construir, e 8% pagariam por apoio. É importante notar que 81% dos agregados familiares em Manica só sabem como construir utilizando métodos tradicionais. Manica tem também a proporção mais baixa de famílias que não sabem construir, com 14%, em comparação com 50% em Sofala, 41% em Tete, e 39% na Zambézia.

Como visto no gráfico anterior, 32 % dos agregados familiares não têm ninguém com quaisquer conhecimentos de construção. Dos 68% dos agregados familiares que sabem como construir abrigos utilizando métodos tradicionais ou convencionais /modernos, 6% dizem ter aprendido com um líder comunitário, 15% dizem ter recebido conselhos da comunidade, 8% procuram orientação de construção por parte dos mais velhos, e 36% tinham recebido formação anteriormente.

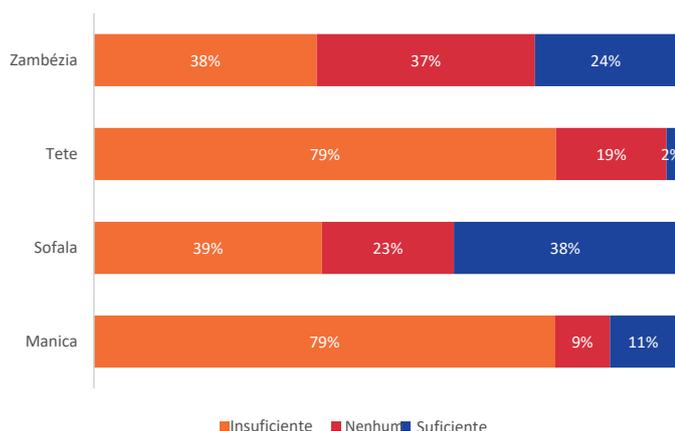
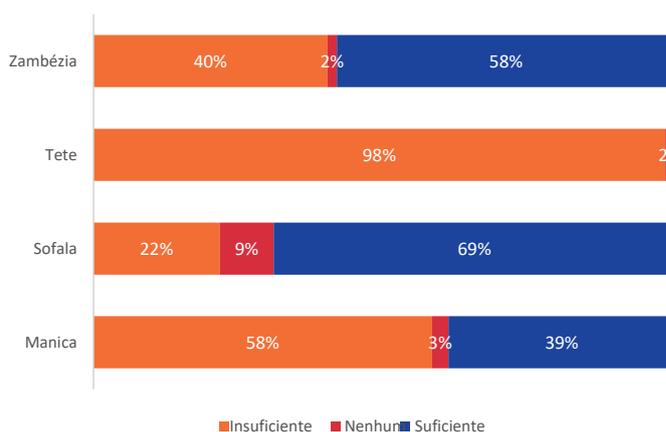


No total, apenas 18 por cento dos inquiridos nos locais de reassentamento disseram ter documentos formais para contratos de arrendamento ou de propriedade. No entanto, ao olhar separadamente para as províncias, 45% dos inquiridos em Sofala têm documentos formais para arrendamento, mas apenas 3% em Manica os têm, ninguém em Tete ou na Zambézia. Após o desastre, 7% dos agregados familiares declaram estar na posse destes documentos (repartição por província: Sofala 14%, Manica 3%, Zambézia 1%, Tete 0%). Além disso, 13% dos agregados familiares relatam que, no caso do seu deslocamento, conseguem manter o arrendamento e a posse da sua casa/terra anterior. Em Manica, 24% dos agregados familiares são capazes de manter o arrendamento no caso do seu deslocamento, mas apenas 8% em Sofala, 2% em Tete, e menos de 1% na Zambézia.



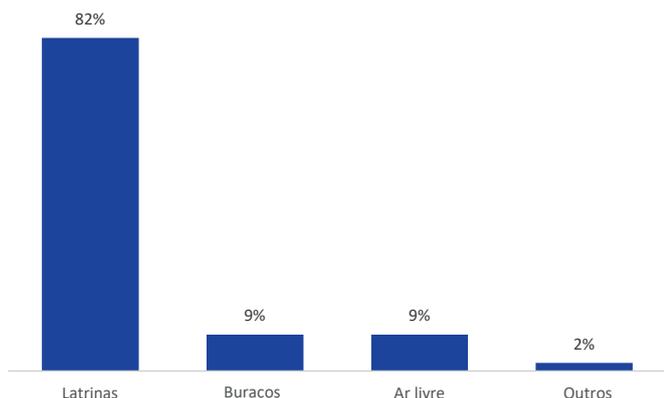
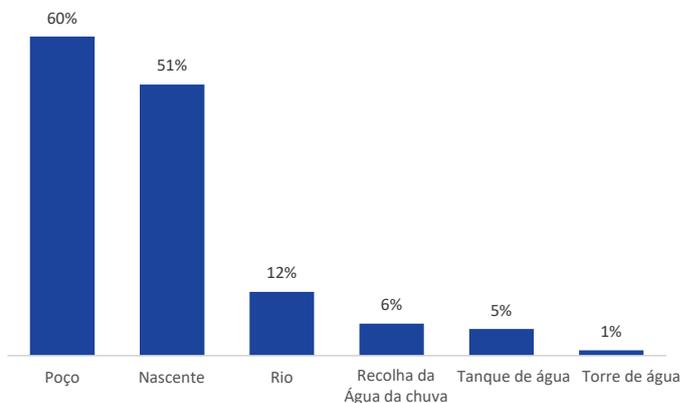
A maioria (87%) dos agregados familiares relata que a água está disponível todo o dia durante todo o ano, mas em Sofala 78 por cento dos inquiridos deram a mesma resposta, enquanto 14 por cento disseram que a água só estava disponível por vezes durante o dia, e sete por cento disseram que por vezes não está disponível ao longo do ano. Em Tete, apenas 31% referiu que a água está sempre disponível, e 69% referiu que há vezes no ano em que não está disponível. Para a maioria (65%) dos agregados familiares, são necessários alguns minutos para obter água potável, e para 21% são necessários 5-30 minutos. Apenas sete por cento levam 30-60 minutos, e seis por cento mais de uma hora para obter água potável.

O acesso à água potável é insuficiente para 44 por cento do total da população nos locais, mas em Tete isto é tão elevado quanto 98 por cento, e 58 por cento em Manica. Note-se que a metodologia não mede de forma diferente relativamente normas mínimas de acesso à água. Ninguém em Tete referiu ter disponibilidade suficiente de água potável. Sofala com 69 por cento e Zambézia com 59 por cento têm as proporções mais elevadas de agregados familiares que declaram ter disponibilidade suficiente de água potável.



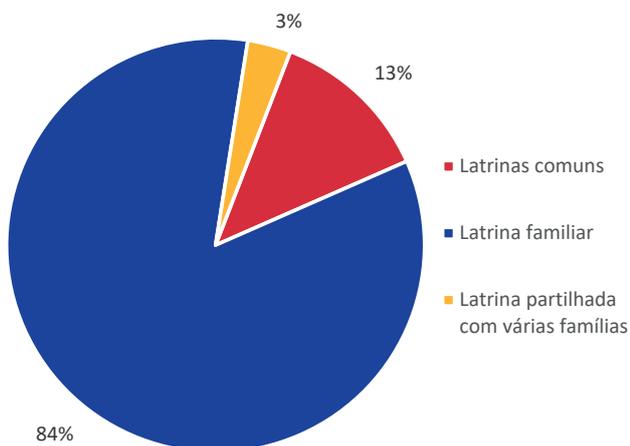
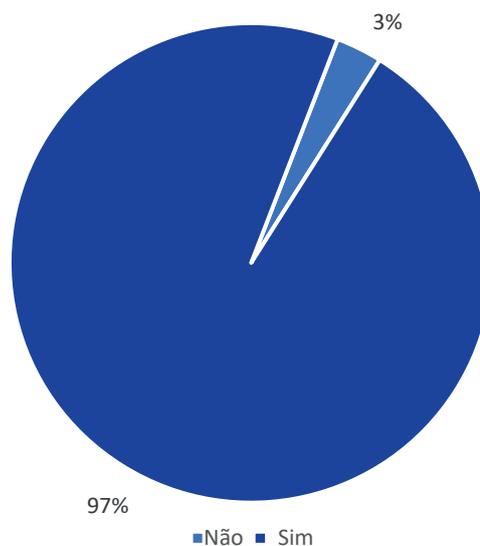
O acesso a água não potável encontra-se numa situação precária semelhante à do acesso /disponibilidade de água potável. Cinquenta e oito por cento dos agregados familiares declaram ter acesso insuficiente, mas isto chega a 79 por cento tanto em Tete assim como em Manica. Enquanto poucos agregados familiares relataram não ter nenhum acesso a água potável, significativamente mais relataram não ter acesso a água não potável, com 37% dos agregados familiares na Zambézia, 23% em Sofala, 19% em Tete, e 9% em Manica nesta condição.

Foi perguntado aos agregados familiares nos locais de deslocamento de onde recolhem a água. Sessenta por cento disseram que utilizam poços cavados como fonte de água, enquanto que 51 por cento utilizam nascentes. Estas são, de longe, as fontes de água mais populares. Apenas 12 % disseram utilizar rios, 6% que recolhem água da chuva, apenas 5% têm tanques de água, e menos de um por cento obtêm a sua água de torres de água.



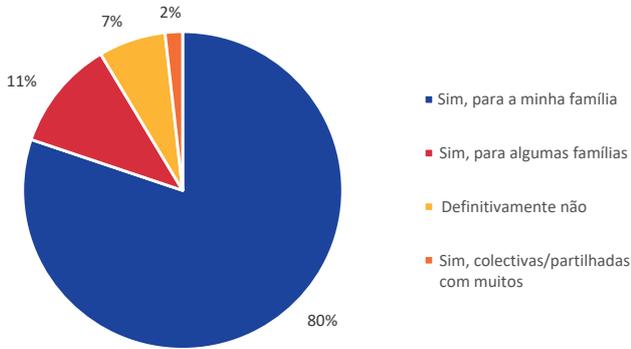
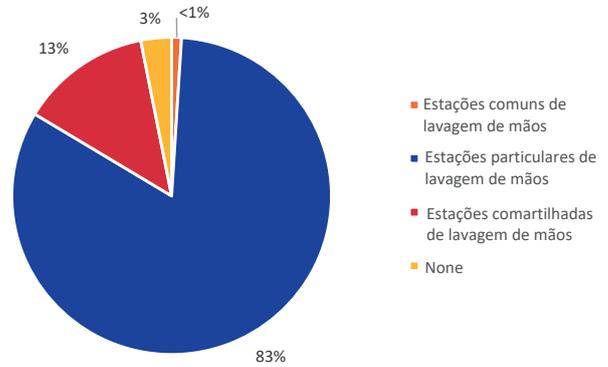
A grande maioria dos inquiridos nos locais de reassentamento disseram que utilizam latrinas para a eliminação de excrementos (82%). Outros nove por cento declararam utilizar buracos, e nove por cento afirmaram que deixam os excrementos ao ar livre, sem nenhum tratamento ou instalações específicas. Além disso, 70% dos inquiridos disseram que queimam o lixo numa fossa, enquanto 62% disseram que utilizam um buraco no chão que serve para o quarteirão local.

Apenas três por cento dos inquiridos nos locais de reassentamento relataram que não possuem latrinas funcionais, enquanto que 97 por cento as possuem. Ao desagregar as províncias, o acesso à latrinas funcionais permanece muito elevado universalmente, embora ainda existam algumas disparidades. Em Tete, todos têm acesso a latrinas funcionais, enquanto em Manica menos de um por cento dos deslocados internos se encontram na mesma situação. Três por cento das famílias na Zambézia não têm acesso a latrinas funcionais, mas a proporção mais elevada sem acesso encontra-se em Sofala, onde sete por cento não têm acesso.



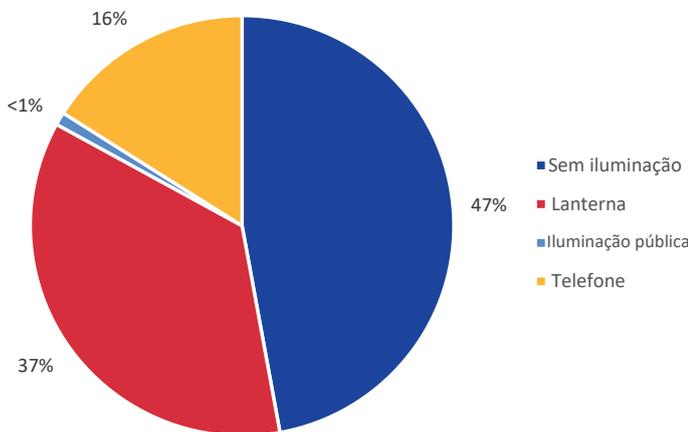
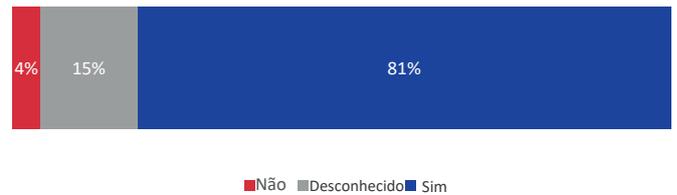
A maioria dos agregados familiares (84%) informa que utiliza latrinas familiares/particulares e que não necessita de partilhar estas instalações com outras famílias. Em Sofala, Tete, e Zambézia esta percentagem é de facto maior ou igual a 95. Apenas em Manica existe uma tendência diferente, com apenas 68% das famílias a dizerem que utilizam latrinas familiares, enquanto que 29% utilizam latrinas comuns. De facto, Manica é a única província onde há agregados familiares que declararam utilizar latrinas comuns. Apenas três por cento dos agregados familiares declararam que partilham latrinas com, no máximo, poucas outras famílias.

A maioria dos agregados familiares (83%) informa que tem estações de lavagem de mãos particulares para utilizar nos seus abrigos, enquanto 13% partilham estas estações com várias outras famílias. Apenas três por cento dos inquiridos disseram não ter acesso a estações de lavagem de mãos, e menos de um por cento disseram que utilizam estações comuns de lavagem de mãos. Manica é a única província com um número significativo de estações de lavagem de mãos compartilhadas (26%) em comparação com Sofala, Tete, e Zambézia (5%, 2%, e 1% respectivamente).



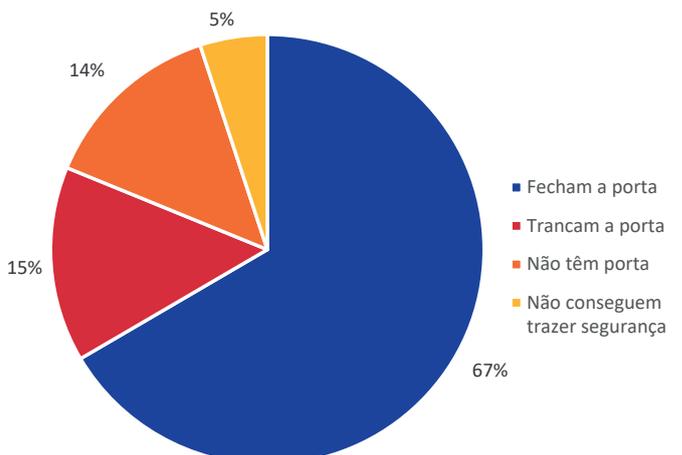
A maioria das famílias (80%) diz ter instalações pessoais de banho para higiene individual na sua família, enquanto 11% partilham instalações de banho entre algumas famílias, e 7% não têm quaisquer instalações. Ao olhar para as províncias individualmente, apenas em Manica vários agregados familiares partilham instalações balneares. A falta mais grave de instalações balneares verifica-se em Tete, onde 36% dos agregados familiares disseram não possuir instalações pessoais/privadas para fins de higiene.

Houve sessões de envolvimento da comunidade sobre WASH relatadas por 81 por cento dos inquiridos. Contudo, em Manica, 26% dos agregados familiares inquiridos e 18% na Zambézia não tinham a certeza se tais campanhas tinham sido conduzidas. Além disso, 19 por cento dos agregados familiares lavam as suas mãos a toda a hora, 55 por cento às vezes, e 22 por cento usam cinza para limpar as mãos.

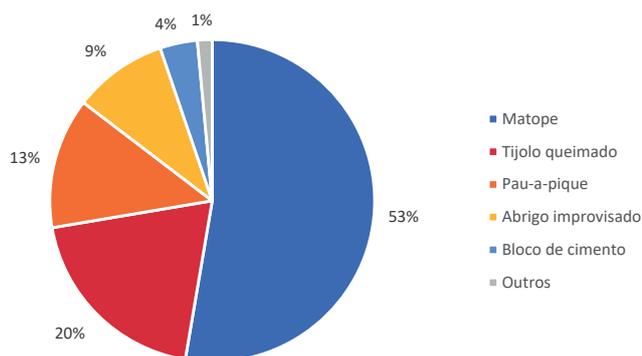


Em média, 95 por cento dos inquiridos sentem-se seguros nas suas casas, sendo a proporção mais baixa na província de Manica com 90 por cento. Noventa e nove por cento dos inquiridos sentem-se seguros nas suas comunidades. Quando saem dos seus abrigos à noite, 47% dos agregados familiares relatam que não têm fonte de luz, enquanto 37% têm uma lanterna, e 16% podem usar o seu telefone. Note-se que 73% das pessoas em Sofala utilizam uma lanterna, em comparação com uma média de 17% para as outras três províncias.

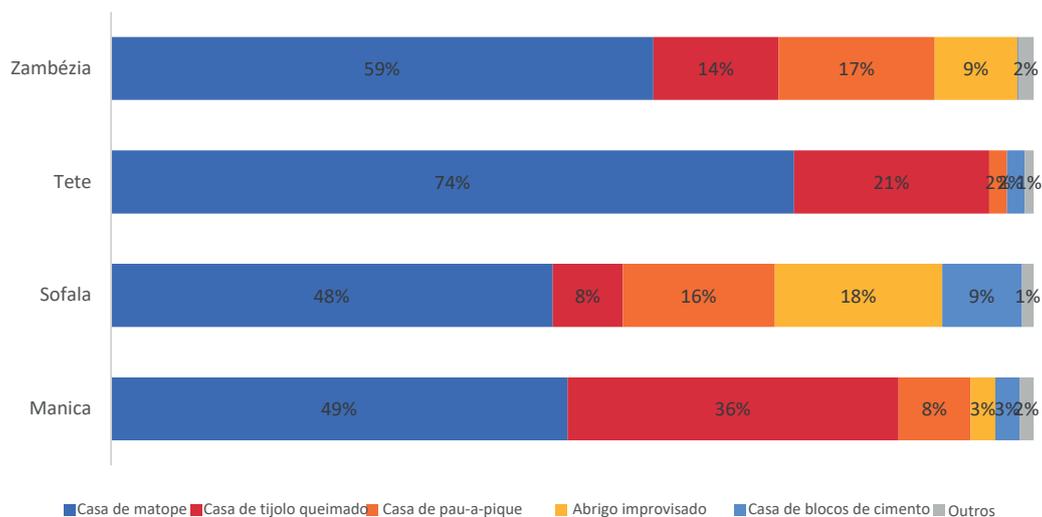
Apenas três por cento dos agregados familiares nos Locais relataram que existe iluminação comunitária suficiente para proporcionar segurança durante a noite. Para se sentirem seguros, 67% dos agregados familiares fecham as suas portas, 15% podem trancar as suas portas, mas 14% não têm portas (e outros 5% não conseguem trazer segurança aos seus abrigos). Na Zambézia, 37% dos agregados familiares trancam as suas portas, em comparação com 13% em Sofala, 10% em Tete, e 8% em Manica. Cerca de 70% dos inquiridos afirmaram que os seus abrigos não foram adaptados às necessidades específicas dos membros do sexo feminino, dos membros deficientes, ou dos membros idosos do agregado familiar.



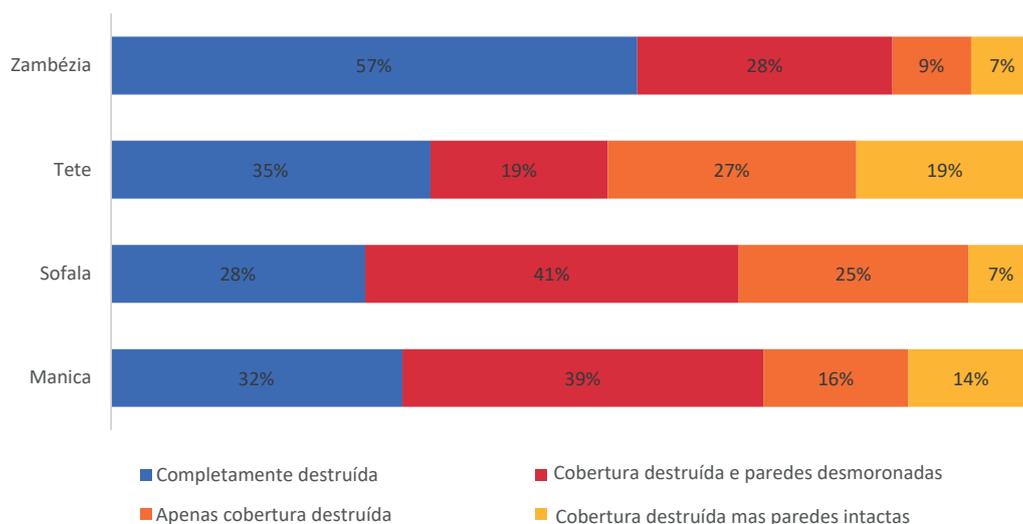
## SECÇÃO 2: CONDIÇÕES DE ABRIGO NAS COMUNIDADES AFECTADAS



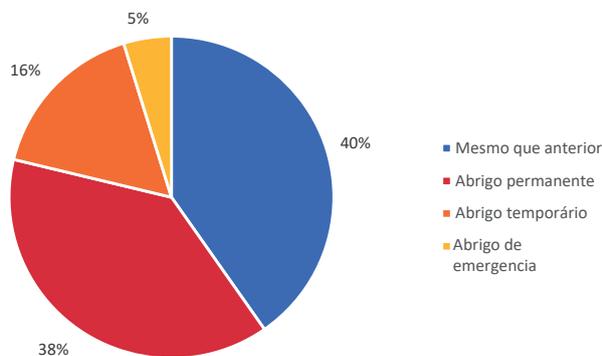
Foram entrevistadas 3.006 famílias que tinham sido afectadas pelas tempestades e ciclones, mas que não tinham saído das suas casas. A maioria destes agregados familiares vivia em casas de matope (53%), enquanto 20% vivem em casas feitas de tijolo queimado, e 13% em casas feitas de pau -a-pique. Nove por cento vivem em abrigos improvisados, feitos de materiais recolhidos na floresta, e quatro por cento vivem em casas feitas de blocos de cimento. Estas eram as condições de abrigo das casas quando os ciclones as afectaram.



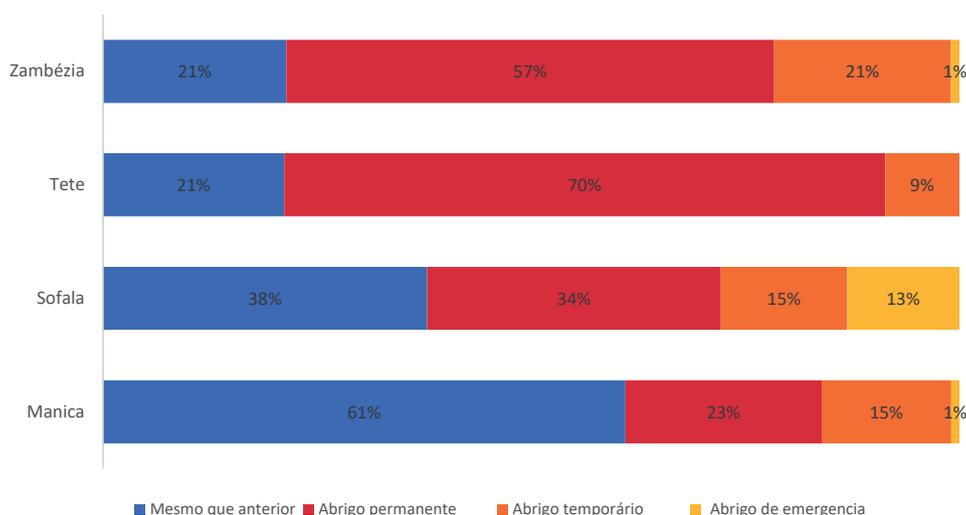
O quadro acima apresenta os tipos de abrigo para agregados familiares nas comunidades afectadas para as quatro províncias avaliadas. Conforme se pode ver, as casas de matope são muito mais predominantes em Tete (74%) em comparação com as outras três províncias, enquanto em Manica menos de metade das famílias vive nos mesmos tipos de abrigos. No entanto, em Manica, as casas de tijolo queimado são muito mais prevalentes (36% dos agregados familiares na província) em comparação com outras províncias como Sofala (8%). Quase não há famílias vivendo em casas de pau-a-pique em Tete, e nenhuma a viver em abrigos improvisados. Embora muito poucos agregados familiares residam em abrigos feitos de blocos de cimento, não existem agregados familiares registados na Zambézia com este tipo de abrigo.



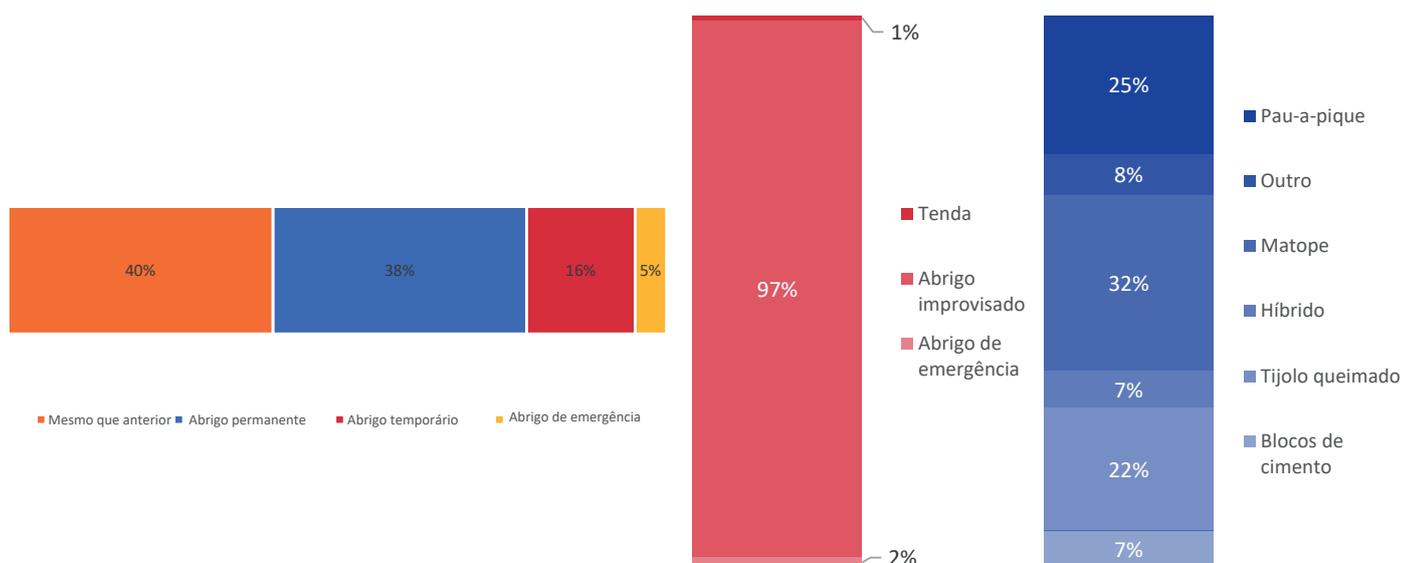
Logo após os ciclones e a tempestade tropical, 38% dos agregados familiares relataram que as suas casas foram completamente destruídas. Esta proporção é muito mais elevada na Zambézia, onde 57% relataram que as suas casas foram completamente destruídas. No total, 35% dos agregados familiares relataram que os seus telhados tinham sido destruídos e as paredes tinham sido parcialmente derrubadas, embora os agregados familiares em Sofala e Manica tenham sido proporcionalmente mais afectados por esta situação. Os danos na cobertura foram mais predominantes em Tete e Sofala, enquanto Tete também teve a maior incidência de coberturas destruídas.



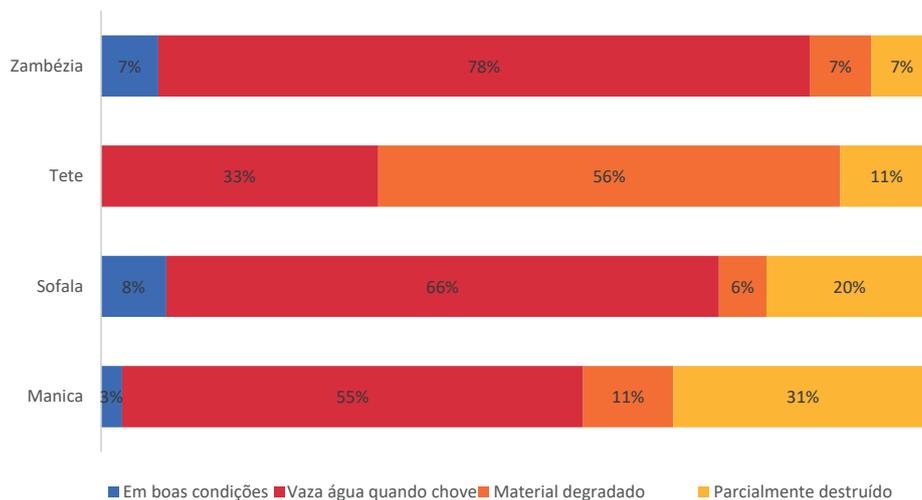
Actualmente, 40 % dos agregados familiares nas comunidades afectadas vivem nos mesmos abrigos/casas que anteriormente, enquanto 38% vivem em novos abrigos permanentes, 16% estão agora em abrigos temporários, e 5 % vivem em abrigos de emergência. O quadro abaixo desagrega as actuais condições de abrigo por cada uma das províncias avaliadas.



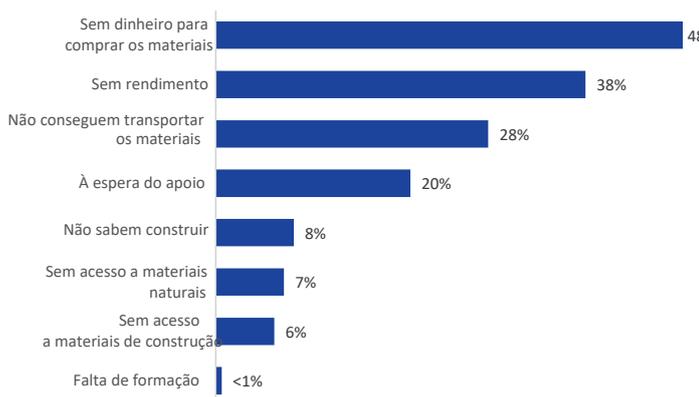
Em Manica, a maioria (61%) dos agregados familiares vive no mesmo abrigo que antes do ciclone e da tempestade tropical, a proporção mais elevada de todas as províncias. Em comparação, apenas 21% dos agregados familiares em Tete e Zambézia se encontram na mesma situação. Por outro lado, estas duas províncias têm as proporções mais elevadas de agregados familiares que vivem em abrigos permanentes (70% e 57% respectivamente), em comparação com 34% em Sofala, e 23% em Manica. Não há agregados familiares a viver em abrigos de emergência em Tete, e apenas um por cento tanto em Manica como na Zambézia estão no mesmo estado - a maioria dos agregados familiares que ainda vivem em abrigos de emergência está em Sofala.



A barra horizontal à esquerda é a proporção de lares que vivem em cada tipo de abrigo para as quatro províncias. As duas colunas verticais distribuem os materiais de abrigo utilizados tanto para os agregados familiares em abrigos permanentes assim como abrigos temporários. Dos que vivem em abrigos temporários, 97% encontram-se em abrigos improvisados, feitos de materiais naturais recuperados da floresta. Enquanto para os que se encontram em abrigos permanentes, 32% vivem em estruturas feitas de tijolos de matope, 25% de pau-a-pique, e 22% de tijolo queimado. A maior mudança em relação a antes dos ciclones é que anteriormente viviam proporcionalmente menos famílias em casas feitas de pau-a-pique do que agora, o que reflecte a facilidade de reconstruir abrigos com estes materiais.

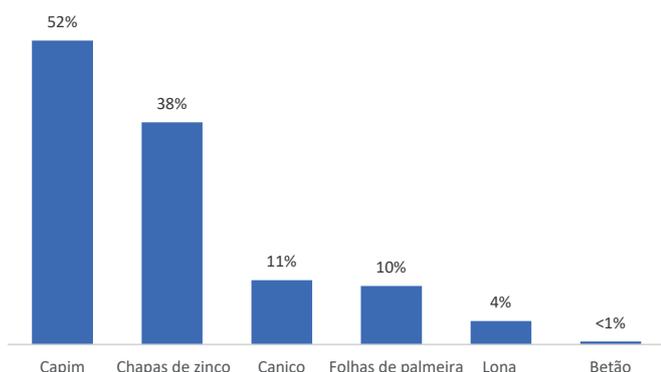
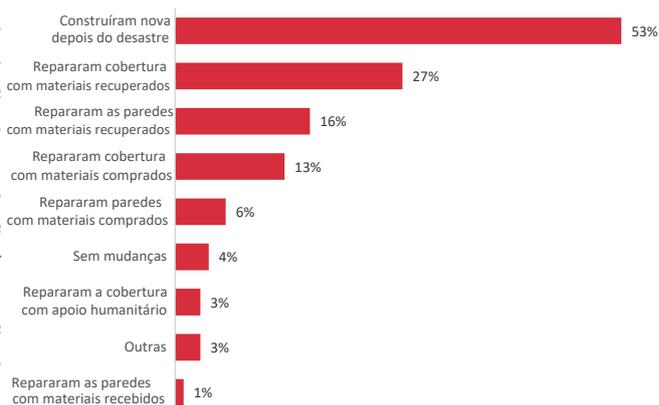


Existem diferenças consideráveis nas condições actuais dos abrigos entre as quatro províncias avaliadas. Globalmente, 67% dos agregados familiares vivem em abrigos que vazam quando chove, 19% vivem em estruturas parcialmente destruídas, 9% vivem em estruturas que têm materiais parcialmente degradados, enquanto apenas 6% vivem em abrigos descritos como estando em bom estado. Em Tete, ninguém informou que a sua casa está em boas condições, e a província tem a maior proporção de agregados familiares que vivem em casas onde os materiais estão parcialmente degradados (56%). As outras três províncias têm proporcionalmente muito mais residentes que relataram que as suas estruturas de abrigo vazam quando chove (78% na Zambézia, 66% em Sofala, e 55% em Manica). É preocupante que 31% dos agregados familiares em Manica, e 20% em Sofala, vivam em estruturas parcialmente desmoronadas.

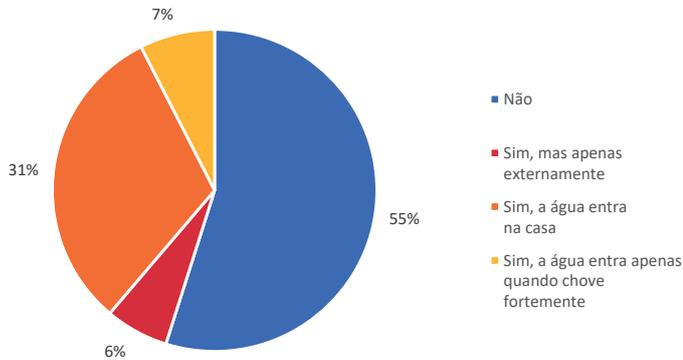


O gráfico da esquerda fornece todas as razões pelas quais as famílias das comunidades afectadas não conseguiram construir abrigos mais permanentes. As razões mais comuns são que as famílias não têm dinheiro para comprar materiais (48% dos inquiridos), que não têm rendimentos (38%), que não podem fisicamente transportar os materiais (28%), que estão à espera de ajuda (20%), que não sabem como construir (8%), que não têm acesso a materiais naturais (7%), e que não têm acesso a materiais de construção (6%).

Quando questionadas sobre as condições actuais das suas casas, as famílias nas comunidades afectadas na maioria dos casos disseram ter construído de novo após a catástrofe (53%), enquanto que 27% tinham reparado as suas coberturas utilizando materiais recuperados, 16% tinham reparado paredes utilizando materiais recuperados, 13% tinham comprado materiais para reparar as coberturas, e nove por cento tinham comprado materiais para reparar paredes. Apenas três por cento disseram que usaram materiais recebidos do apoio para reparar a cobertura, e apenas um por cento relatou ter usado os materiais recebidos do apoio para reparar paredes.

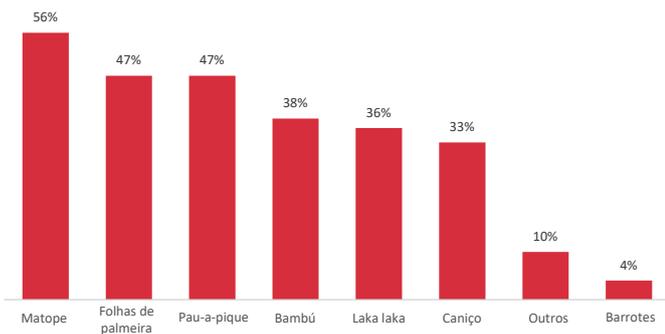
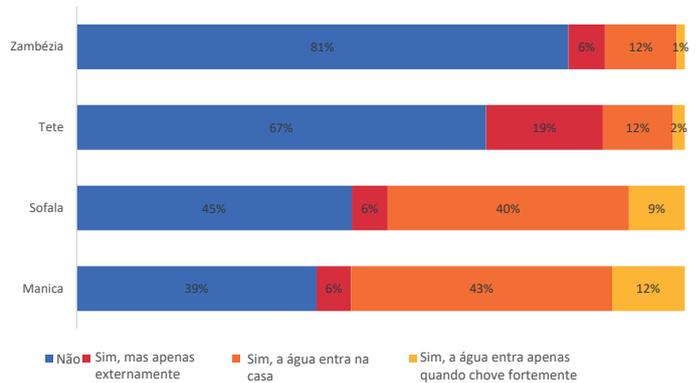


Mais de metade de todas as casas utilizam capim como material primário para cobertura (52%), seguida de chapas de zinco (38%), caniço (11%), folhas de palmeira (10%), e lona (4%). Menos de um por cento dos agregados familiares referiu a utilização de betão como material de cobertura. É importante notar que 94% dos inquiridos afirmaram não ter recebido materiais ou assistência técnica de organizações de ajuda.



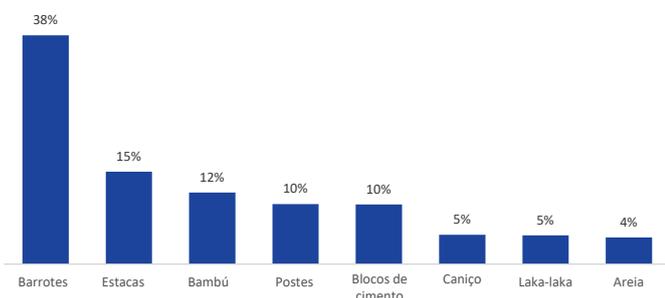
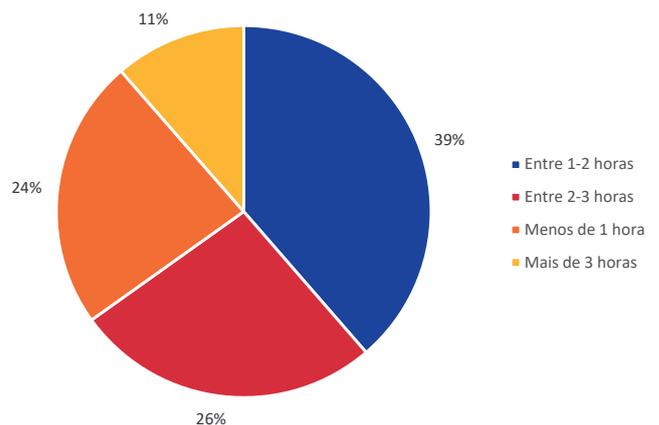
Dos que vivem nas comunidades afectadas, 55% indicaram que os seus abrigos/casas/terrenos nunca inundam -se, mesmo durante chuvas fortes, enquanto 31% relatam que a água entra na casa. Seis por cento dos inquiridos relataram inundações externas no terreno, e que não entram na casa, enquanto sete por cento disseram que a água entra na casa, mas apenas quando as chuvas são suficientemente fortes.

O gráfico à direita reflecte a repartição a nível provincial do indicador de inundação que acaba de ser analisado. A maioria dos agregados familiares na Zambézia (81%) e Tete (67%) definitivamente não ficam inundadas, em comparação com Sofala e Manica eram menos de metade em cada local os que não inundam -se. A água entra na casa durante as chuvas com muita frequência em Sofala e Manica (questões relatadas por 40 % e 43 % dos agregados familiares respectivamente), em comparação com a Zambézia e Tete (ambos com 12%).



Perguntou-se aos agregados familiares que materiais estão disponíveis para recolher perto das suas casas. Cinquenta e seis por cento relataram ter acesso ao matope, 47% folhas de palmeira, 47% pau-a-pique, 38% bambu, 36% laka laka, 33% caniço, e quatro por cento a barrotes.

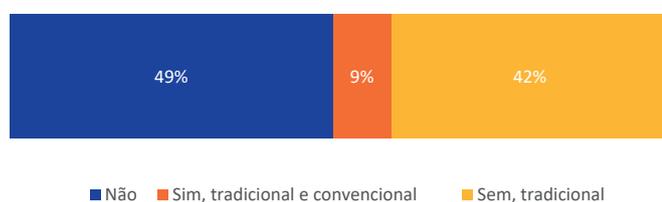
Perguntou -se aos agregados familiares quanto tempo tinham de andar a pé das suas casas ou abrigos para recolher os materiais disponíveis acima mencionados. Para 24% dos agregados familiares na Região Centro (mas 33% em Tete, e 30% em Sofala ) é necessário menos de uma hora. Para 39 por cento dos inquiridos (51% na Zambézia, 49% em Tete, 41% em Manica, e 22% em Sofala) leva 1-2 horas. Para 26 por cento dos agregados familiares, são necessárias 2-3 horas para chegar aos materiais e para 11 por cento mais de 3 horas.



Quando perguntados que materiais estão disponíveis localmente para aquisição, 38 % dos inquiridos mencionaram barrotes, 15% estacas, 12% bambu, 10% postes, 10% blocos de cimento, 5% caniço, 5% laka laka, e quatro por cento areia.

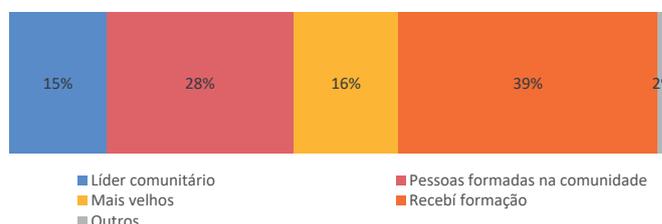


Globalmente, 91% das pessoas inquiridas nas comunidades afectadas acreditam que os métodos de construção precisam de ser alterados para se tornarem mais fortes e resistentes, a fim de se prepararem para um futuro ciclone ou condições meteorológicas extremas. Apenas 4% disseram não precisar de mudar nada, mas a maioria dos agregados familiares que escolheram esta opção vivem na província de Sofala (11% dos agregados familiares na província, em comparação com <1% em Manica e Zambézia, e 0% em Tete). Em Manica, 15% dos inquiridos disseram não saber se os métodos de construção deveriam ser alterados.



Quase metade, 49 por cento, das famílias nas comunidades afectadas não sabem como construir um abrigo, enquanto 42 podem usar métodos tradicionais, e nove por cento conseguem com métodos tradicionais e modernos/convencionais. A taxa mais elevada de competências de construção tradicional e convencional verifica -se na Zambézia, com 18 por cento dos agregados familiares a possuir as competências necessárias. Em Sofala, 52 por cento sabem como construir, mas apenas utilizando métodos tradicionais apenas.

Dos que sabem como construir, 15 por cento aprenderam com os líderes ou chefes da comunidade, 28% com outros membros da comunidade que tiveram formação, 16% com os mais velhos, enquanto o maior segmento (39%) disse que eles próprios receberam formação formal em construção. As taxas mais elevadas de formação formal registam -se em Manica (51%), e Sofala (41%), em comparação com Tete (26%) e Zambézia (28%).



Em toda a região, 54% dos agregados familiares ouvem rádio (mas esta proporção é muito mais elevada na Zambézia, 74%, e Tete, 64%, em comparação com Manica, 46%, e Sofala, 41%). Quando perguntados se o contrato de arrendamento ou de propriedade é formal ou informal, em toda a região são 71% informais (mas 99% tanto na Zambézia como em Tete). Em Sofala, são 50% informais, e 61% em Manica. Em toda a região, 85% dos agregados familiares não estão na posse dos documentos-chave relativos aos seus arrendamentos ou propriedades (97% em Tete, 95% na Zambézia, 81% em Manica, 77% em Sofala). Finalmente, quando perguntados se as famílias mantinham o arrendamento das suas casas anteriores, 81% disseram que não o faziam (embora seguindo uma tendência semelhante a outros indicadores nesta secção, esta proporção era mais elevada em Tete e na Zambézia - 98% e 93% respectivamente - em comparação com Manica e Sofala - 71% e 78% respectivamente).

Para mais informações ou para comunicar um alerta, queira contactar:  
DTMMozambique@iom.int.

Produtos informativos da DTM:  
<http://displacement.iom.int/mozambique>